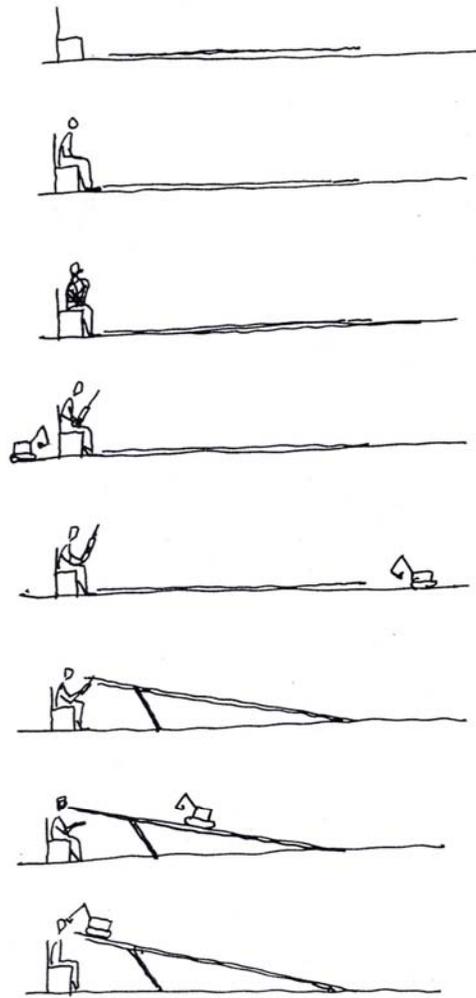


Disegno. Desenho. Desígnio

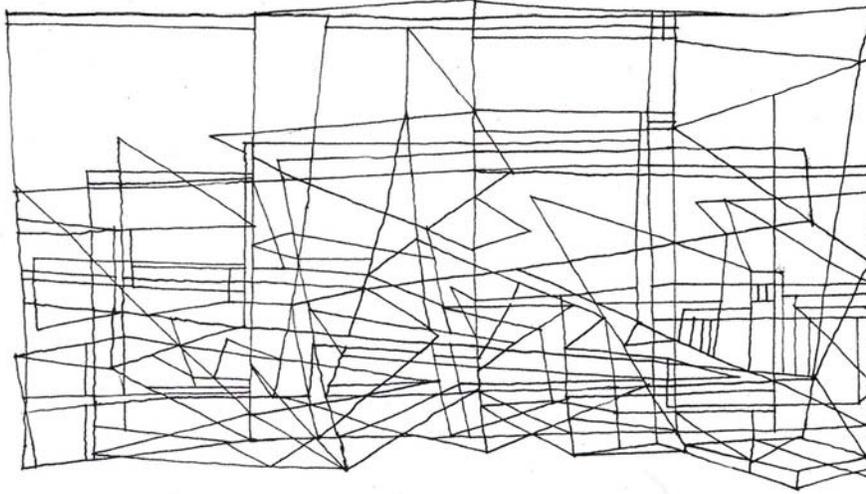
Livro: Disegno. Desenho. Desígnio
Edith Derdyk, organizadora
Editora Senac, 2007
Págs. 253-261



Guto Lacaz, *Índio*, 1984. Técnica: desenho a pincel/nanquim. Dimensões: 15 cm x 20 cm.



Guto Lacaz, *Estudo para performance*, 1989. Técnica: desenho a caneta-tinteiro. Dimensões: 15 cm x 20 cm.



Guto Lacaz, *Estrutura*, 1974. Técnica: desenho abstrato a bico de pena/ nanquim. Dimensões: 15 cm x 20 cm.



Guto Lacaz, *Estudo para cena de performance*, 1998. Técnica: nanquim.

O desenho foi meu primeiro amor e amigo inseparável de todos os momentos.
Tristeza, melancolia, solidão, alegria, passatempo, lá estava ele para compartilhar comigo.
Adorava ver desenhos impressos em revistas e jornais.
Os livros tinham que ter desenhos.
Adorava ver meu vizinho Ruy Pedreira desenhar.
Ele desenhava o que pedíamos. Com caneta-tinteiro, direto, sem errar!
Colecionava seus desenhos e - claro! - queria desenhar como ele.
Como todas aquelas formas poderiam surgir da ponta de uma caneta? Que magia era aquela?
Seria possível dominá-la?
Sempre desenhei. Desde criança, na adolescência, depois na faculdade e, hoje em dia, mais e mais.
Sempre invejei os que desenhavam melhor que eu, os mais virtuosos, ou os que tinham desenho muito diferente do meu.

Nunca pensei que viveria do desenho. Que comeria, me vestiria, compraria carro e casa, que ele me seria tão generoso e fiel.
Seu poder de registrar o olhar e o que a imaginação nos presentearia.
Seu poder de estimular o autoconhecimento, gerando conflitos e soluções.
Revelador de idéias, captador de vibrações e criador de realidades paralelas.
Com instrumental rudimentar - lápis e papel - ele se manifesta.
Registra trajetórias, define formas, mostra ponto a ponto uma imagem que se revela.
Já desenhei com quase tudo. Nos tempos de faculdade, com lápis HB, B, 2B ... 8B e muito com as canetas tipo Oxford.
Criadas para desenho técnico, apresentam um traço uniforme.
Depois, observando desenhistas como Saul Steinberg, Jaguar e outros, experimentei as penas, que dão grande variedade de espessuras de traço e expressão.
Daí fui para o pincel e o nanquim, onde o acidente traz muitas surpresas agradáveis.
Hoje desenho com caneta-tinteiro Pelikan ponta média e tinta Parker preta.
Às vezes penso em algo e desenho para registrar e depois desenvolver a idéia.
Muitas vezes desenho sem pensar e as formas vão aparecendo do nada, como se estivesse psicografando.
De muitos garranchos surge sempre alguma luz, uma boa surpresa, uma série, uma história.
A mão leva e é levada. Se desloca, pára, muda de direção, o olho julga ... É bom desenho?
Comecei desenhando cartuns. Adorava copiar revistas.
Depois aprendi geometria e desenho técnico - comecei a desenhar objetos.
Depois estudei arquitetura, na qual o desenho é a linguagem.
Aprendi o desenho como instrumento para projetar.
Aprendi cinema de animação.
O desenho se prestava a todo tipo de raciocínio, representava todo tipo de idéia.
Hoje, vivo de desenho. Ora para atender clientes de ilustração e desenho gráfico, criando marcas, revistas, livros, cartazes, ora para realizar projetos de artes plásticas.
Gosto de folhas soltas de papel sulfite. São baratas, portanto não intimidam.
Tudo o que faço passa pelo desenho: ilustrações, gravuras, objetos, instalações, performances, etc.
Tudo é desenhado. Do informal croqui ao técnico - com os instrumentos de geometria.
Gosto de voltar a rever desenhos. Assim valorizo idéias que passaram despercebidas.
Acho que uma pessoa só pode dizer que viu uma coisa, depois de tê-la desenhado.
Estou aqui fazendo este louvor ao desenho, mas preciso dizer que desenho enlouquece.
Produz raiva, ódio mortal, sensação desagradável de incapacidade, mostra seus limites.